

CARTOGRAFIA AUDIOVISUAL E O VÍDEO COMO DISPOSITIVO DE PESQUISA-INTERVENÇÃO⁸

Deisimer Gorczewski

Nair Iracema Silveira dos Santos

O crescimento dos trabalhos com imagens e sonoridades em nossas pesquisas acompanha certo arejamento de como produzimos ciência na contemporaneidade. Os modos de conceber a “visão” e o “olhar” ultrapassam uma simples característica de linguagem, mostrando uma saudável disposição à diversificação, à multiplicidade, a uma abertura de nossas práticas. Já há uma razoável quantidade de estudos e produções, nessa área, tendo como referência o pensamento dos seguintes estudiosos: Gilles Deleuze, Vilém Flusser, John Berger, Raymond Bellour, Jaques Aumont, Phillipe Dubois, Georges Didi-Huberman, Jean-Louis Comolli, Roman Gubern, Beatriz Sarlo, Arlindo Machado, Luiz Eduardo Robinson Acchutti. Nota-se um avanço considerável nas abordagens dos próprios pesquisadores das áreas de artes – em especial cinema/audiovisual e artes visuais, bem como na comunicação, na psicologia e nas demais áreas das ciências humanas e so-

⁸ Esta escrita foi composta no enlace de alguns trabalhos: Gorczewski; Santos (2014) e Gorczewski (2011; 2007) elaborados, anteriormente, os quais foram retrabalhados e ampliados, neste capítulo.

ciais – a respeito de seus trabalhos com a utilização de fontes e documentos sonoros, visuais e audiovisuais, dando origem a debates sobre os limites de sua especialização, sobre como desenvolver os espaços de pesquisa e qual a condição assumida pelos documentos visuais, sonoros e audiovisuais.

Estamos diante de complexas e novas configurações que emergem da contemporaneidade. Por um lado, como advertiu Calvino (1990), corremos o risco de uma “epidemia pestilenta”, uma espécie de “surto imagético”, que pode estar atingindo toda a humanidade em sua capacidade mais distinta, ou seja, o uso da linguagem. Por outro lado, o autor sugere a criação de “anticorpos” a serem gerados através da convivência com a literatura e a imaginação.

Mais preocupado em achar “saídas”, o escritor desvendou algumas importantes pistas de investigação sobre as procedências dessa epidemia, mesmo sem ser essa sua questão de pesquisa. Entre os possíveis suspeitos, surgem alguns indícios nas fileiras da: “[...] política, na ideologia, na uniformidade burocrática, na homogeneização dos *mass-media* ou na difusão acadêmica de uma cultura média” (CALVINO, 1990, p. 106).

Em relação à atuação da mídia, Calvino afirma ser filho da “civilização da imagem”, ou melhor, de uma época intermediária. Partindo de sua própria experiência, sem usar meias palavras, alertou para a circunstância em que vivemos, em que estamos “[...] sob a chuva ininterrupta de imagens” (CALVINO, 1990, p. 73), onde o poder da mídia se eleva, ou melhor:

[...] os media todo-poderosos não fazem outra coisa senão transformar o mundo em imagens, multiplicando-o numa fantasmagoria de jogos de espelhos – imagens que em grande parte são destituídas da necessidade interna que deveria caracterizar toda a imagem, como forma e como significado, como força de impor-se à atenção, como riqueza de significados possíveis (CALVINO, 1990, p. 73).

A expressão “civilização da imagem”, como proposta por Calvino, força-nos a pensar “numa humanidade cada vez mais inundada pelo dilúvio das imagens pré-fabricadas” (CALVINO, 1990, p.

107). Já nos estudos de Deleuze (2007, p. 32), a questão apresenta-se como constatação: “Civilização da imagem? Na verdade uma civilização do clichê, na qual todos os poderes têm interesse em nos encobrir as imagens, não forçosamente em nos encobrir a mesma coisa, mas em encobrir alguma coisa na imagem”.

Cenário que se constitui na overdose de imagens e produção de lugar-comum, em se tratando de analisar e mesmo operar com os modos de produção capitalística. Nas palavras de Lazzarato (2006),⁹ o capitalismo segue afirmando a relação entre a tecnologia, o saber e o próprio capital. O que muda é o tipo de tecnologia e de saber envolvidos na relação. São tecnologias novas que concernem à mente, tecnologias biológicas. E o saber mudou porque diz respeito a essas relações. O Capitalismo Cognitivo¹⁰ trabalha contemplando todas essas relações e saberes. Também sobre as relações cognitivas, de opinião, sobre o trabalho da mente, sobre formas de comunicação.¹¹

E, pensando em termos da produção científica, parece vital trazer à tona a suspeita relacionada ao modo como produzimos conhecimento científico, como enunciado anteriormente, nas palavras de Calvino (1990, p. 106): “a difusão acadêmica de uma cultura média”.

Provocações à parte, essas suspeitas foram, de certo modo, mobilizadoras de uma escolha. Investigando aspectos da cultura e do audiovisual, e de seus possíveis acoplamentos na paisagem contemporânea, deparamo-nos, mais uma vez, com a compreensão do “imaginário indireto” que, nas palavras deste Calvino, significa: “[...] o conjunto de imagens que a cultura nos fornece, seja ela cultura de massa ou outra forma qualquer de tradição” (CALVINO, 1990, p. 107).

⁹ Em entrevista ao repórter Eduardo Carvalho, Maurizio Lazzarato, filósofo e sociólogo italiano radicado na França, fala sobre o trabalho imaterial, capitalismo cognitivo, futuro das esquerdas, pós-socialismo e sobre seu trabalho com artistas desempregados na França. Revista Carta Maior. 05.12.2006.

¹⁰ Também chamado de Economia do Conhecimento, este conceito busca rever paradigmas da teoria econômica e tem na microeletrônica e nas novas tecnologias de comunicação e informação a base de uma sociedade pós-industrial, na qual o valor decorre da difusão acelerada e da lenta socialização do saber.

¹¹ Lazzarato (2006). Entrevista na Revista Carta Maior. 05.12.2006. Não paginado.

O escritor das *Cidades Invisíveis*, entre muitas de suas obras, apresenta proposições para o milênio em vigor que percorrem atributos como leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade e consistência – essa última em aberto, por ser escrita – todos como valores a serem preservados. Foram recomendações que tratavam de aspectos, sem dúvida, instigantes. A proposição que problematiza “visibilidade” e “multiplicidade” entre os valores a preservar é tomada como contribuição para pensar as possíveis conexões dos fios, no emaranhado cultural e audiovisual. Como afirma Calvino (1990, p. 131), “hoje em dia não é mais pensável uma totalidade que não seja potencial, conjectural, múltiplice”.

Na perspectiva de contribuir com esse debate, temos provocado, em nossas experiências de ensino, extensão e pesquisa, a formulação de perguntas mais do que respostas. E, neste estudo, problematizaremos, em especial, a proposição de pensar a cartografia audiovisual como dispositivo na pesquisa – um exercício teórico-metodológico construído na pesquisa *In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes*, realizada entre 2011 e 2013,¹² por um Coletivo que articulou experiências de estudos e intervenções realizadas com jovens, educadores, pesquisadores das áreas de artes, comunicação, psicologia social, educação, mídias digitais e sociologia, em ações de pesquisa, extensão e ensino formal e não formal. A pesquisa envolveu parceria entre universidades, organizações não governamentais, movimentos e coletivos juvenis, em Fortaleza e Porto Alegre.¹³

Pesquisando temáticas que envolvem in(ter)venções audiovisuais, juventudes, movimentos de criação e resistência e políticas pú-

¹² A pesquisa *In(ter)venções AudioVisuais com Juventudes em Fortaleza e Porto Alegre* será apresentada em diferentes ângulos, na sessão “O que podem as In(ter)venções AudioVisuais?”, neste livro.

¹³ A parceria envolveu o Instituto de Cultura e Arte; o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e o Programa de Pós-Graduação em Artes, na Universidade Federal do Ceará; o Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; o Projeto Lente Jovem, da ONG CAMP (Centro de Assessoria Multiprofissional) e o Fórum de Educação da Restinga e Extremo Sul (FERES), todos esses em Porto Alegre. Nas universidades, realizamos parcerias entre o Grupo de Pesquisa Relação da Infância, Juventude e Mídia (GRIM), na UFC, e o Grupo de Pesquisa Educação e Micropolíticas Juvenis, na UFRGS.

blicas, perguntamo-nos: como construir estratégias metodológicas que propiciem conhecer o que é vivido nos territórios das juventudes e observar como esses desafios têm (ou não) sido enfrentados nas práticas de pesquisa, ensino e extensão? Consideramos algumas contribuições da pesquisa-intervenção, assim como aparecem nos estudos de Passos e Barros (2000), Aguiar e Rocha (2003; 2007) e Passos, Kastrup e Escóssia (2010). Esse método orienta a aproximação ao campo considerando que pesquisador e pesquisado constituem-se, ao mesmo tempo, no encontro de questionamentos do sentido da ação. O caráter de pesquisa acompanha a intervenção, pois ela só é possível a partir da construção de um campo conceitual que dê conta da complexidade da problemática que o contexto social nos apresenta.

Na proposta de pesquisa-intervenção, conforme a entendem autores do movimento institucionalista francês, a origem etimológica do termo “intervir” vem do latim *interventio* e significa “vir entre” (ARDOINO, 1987). Nesse sentido, “intervir é criar dispositivos de análise coletiva” (LOURAU, 1993), operar na desnaturalização das práticas, dos lugares constituídos, das relações saber-poder; no questionamento e desconstrução do que é tido como natural. No dizer de Foucault (2003), trata-se de acontecimentalizar as práticas, romper com as evidências sobre as quais estas se apoiam.

Na construção do projeto de estudos, agregamos à proposta da pesquisa in(ter)venção a perspectiva cartográfica, com base nos trabalhos de Gilles Deleuze, Félix Guattari e de autores brasileiros citados anteriormente. São trabalhos que oferecem suporte para tomarmos a cartografia como critério de experimentação, um plano de análise e uma ética na pesquisa. Nesse sentido, a perspectiva cartográfica referencia o diálogo com os jovens, as experiências audiovisuais e a construção de recortes analíticos. A cartografia, aqui, é entendida como exercício de acompanhar processos, o que Deleuze (1992, p. 48) propõe como “marcar caminhos e movimentos”, analisando “as linhas, os espaços, os devires” que compõem uma pessoa, um coletivo, acontecimentos.

Com efeito, há tipos de linhas muito diferentes, na arte, mas também numa sociedade, numa pessoa. Há linhas que repre-

sentam alguma coisa, e outras que são abstratas. Há linhas de segmentos, e outras sem segmento. Há linhas dimensionais e linhas direcionais. Há linhas que, abstratas ou não, formam contorno, e outras que não formam contorno. Aquelas são as mais belas. Acreditamos que as linhas são os elementos constitutivos das coisas e dos acontecimentos. Por isso cada coisa tem sua geografia, sua cartografia, seu diagrama (DELEUZE, 1992, p. 47).

A cartografia convoca-nos à posição de escuta e acolhimento das forças, das tensões, dos movimentos, sobretudo das brechas que potencializam desvios de percurso em determinada experiência. E, assim, deve ser praticada, como o exercício de pesquisar com e não sobre algo (KASTRUP, 2008).

Entre os dispositivos e procedimentos, inventamos e acompanhamos encontros, rodas de conversa, mostras audiovisuais, oficinas, bem como analisamos vídeos realizados no Titanzinho, em Fortaleza, e no Projeto Lente Jovem, nas ilhas, em Porto Alegre. Também acompanhamos as produções realizadas com jovens, estudantes e pesquisadores envolvidos na pesquisa In(ter)venções, em que alguns vídeos foram considerados como disparadores de ideias e desejos.¹⁴

O audiovisual como dispositivo analisador

A escolha do audiovisual como dispositivo analisador da pesquisa-intervenção justifica-se, principalmente, por ele ser considerado um sistema privilegiado de expressão da nossa cultura visual. Também observamos que a composição audiovisual propriamente dita guarda semelhanças com o próprio universo das culturas emergentes, em especial, as manifestações juvenis.

¹⁴ Mais detalhes no capítulo “O vídeo como dispositivo na pesquisa In(ter)venção com juventudes”, no livro *Metodologias de Pesquisa em Comunicação: Orientação para a formação de pesquisadores, jovens em Ibero-América*. Brasil-Espanha, (Org.). Alberto Eféndy Maldonado Gomez de la Torre. Editora Espanha. No prelo.

Um dispositivo aciona algo, faz funcionar uma máquina, mas, em nossa experiência, tentamos operar com uma noção ampliada. Apesar de estarmos em domínios diferentes, tomamos como referência a noção de dispositivo em Foucault (1981). Para ele, o dispositivo é a rede de relações que podem ser estabelecidas entre elementos heterogêneos: discursos, instituições, arquitetura, regramentos, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, o dito e o não dito; um dispositivo também se define pelo tipo de relação que se estabelece entre os elementos heterogêneos – existe um jogo que pode levar a mudanças de posições, ou de funções, as conexões podem variar. Um dispositivo é também um tipo de formação, que, em um determinado momento histórico, teve por função responder a uma urgência, isto é, tem uma função estratégica; um dispositivo produz efeitos que se atualizam, conforme as composições de forças. O que nos interessa nessa construção de Foucault é o dispositivo como efeito e como jogo estratégico, porque um vídeo pode se constituir analisador sob diferentes arranjos processuais. Entendemos analisador, conforme propõem analistas institucionais (BARROS; BRASIL, 1992, p. 232) como tudo “aquilo que produz análise”, pode ser um tema, uma cena, uma pessoa, um vídeo, um enunciado, uma festa, “acontecimentos que possam produzir rupturas nos modos naturalizados de lidar com o cotidiano”.

Eles funcionam como catalisadores de sentido, expõem o saber e o não saber de uma sociedade sobre si mesma e, poderíamos dizer, desnaturalizam o existente, suas condições, e, ao realizar análise, desestabilizam a cena natural de um cotidiano que nos parece estático (AGUIAR; ROCHA, 2007, p. 656).

Em nossa experiência de pesquisa, o audiovisual coloca-se como dispositivo analisador em três planos, que discutiremos a seguir: a) possibilidade para diálogo com jovens e memória narrativa de suas experiências; b) como analisador na produção de análise com os jovens; c) espaço-tempo de criação de novos territórios juvenis.

O audiovisual como possibilidade para diálogo com jovens e memória narrativa de suas experiências

No encontro com os jovens, as experiências com as tecnologias audiovisuais apresentam novas configurações, sendo algumas muito próximas ao entendimento de Machado (1992/1993, p. 8). Na compreensão do autor, o audiovisual procura uma linguagem própria, deixando de ser apenas um modo de registro, um recurso pedagógico ou de documentação “[...] para ser encarado como um sistema de expressão” (MACHADO 1992/1993, p. 8). Desse modo, o processo de produção de sentidos encontra um dispositivo com características da contemporaneidade, inovando através do que se poderia chamar de uma “linguagem de vídeo”. Nessa perspectiva, o dispositivo audiovisual tende a ir além de uma visão pedagógica, instrumental ou ilustrativa (GORCZEWSKI; MARASCHIN; CHASSOT, 2006).

Podemos invocar aqui o audiovisual, desde esse lugar do “entre-linguagens”, como intercessor nas experimentações das juventudes. Essa ideia de intercessores Deleuze (1992) expõe em *Conversações*, para dizer que sempre se trabalha em vários. Podem ser pessoas ou também coisas, reais ou imaginárias, relações que abram caminhos para o pensar (interferir, fazer ressonâncias). Passos e Barros (2000) referem que os intercessores operam como figuras híbridas, não podendo ser pensados fora da relação de interferência que se produz entre determinados domínios. Dialogar com jovens em tempos de mídias reinventadas com a mesma velocidade da lógica do consumo, convoca-nos a outras aprendizagens, potencializadas na plasticidade da imagem audiovisual e dos territórios juvenis.

O audiovisual como analisador na produção de análise com os jovens

O audiovisual pode se configurar um bom analisador, desde sua criação, produção, edição e análise, assim como pode engendrar analisadores quando assistido e tomado como objeto de análise. Não há nenhum espontaneísmo nesse processo, nem mera reprodução de uma

cena roteirizada; pois, se entendemos o vídeo-dispositivo como uma rede de relações entre elementos heterogêneos, a matéria de expressão também será múltipla; mas, para que se torne analisador, vai depender do que pode acionar em determinado coletivo, convocando seus participantes a problematizarem a própria relação com a imagem, com a narrativa, com a problematização construída, com as escolhas no processo de criação e edição.

Ao fazer a filmagem das reuniões de um grupo de pesquisa, por exemplo, podemos retomar a narrativa audiovisual na íntegra ou seu fragmento em encontro posterior, tal como um diário, possibilitando um espaço de restituição¹⁵ sobre o processo de trabalho dos pesquisadores.

O processo de criação de um vídeo que narra determinada experiência – depoimentos de moradores de uma comunidade, ou produção de memórias de um coletivo – pode gerar questões analisadoras no percurso de elaboração ou, posteriormente, quando tomado como produto de tais coletivos, visibilizando elementos históricos, posições dos participantes, as relações desses com a própria história contada, com os acontecimentos e instituições presentes. O mesmo vídeo pode gerar outros analisadores quando assistido por um coletivo que o produziu ou por outros coletivos que tenham ou não relação com a temática proposta.

Espaço-tempo de criação de novos territórios juvenis

Inspirando-se na noção proposta por Guattari e Rolnik (1986), o território diz respeito tanto ao espaço vivido quanto ao modo como os sujeitos circulam, inserem-se e criam estratégias de relações e de vida nos tempos e espaços sociais, culturais, estéticos e afetivos. As experimentações audiovisuais, sejam nos movimentos sociais, em comunidades, em coletivos de jovens, podem operar na desterritorialização e

¹⁵ Restituição é um conceito operador da análise institucional e, conforme Lorau (1993, p. 64), diferente da tradicional “devolução”, consiste na “análise coletiva da situação presente, no presente – em função das diversas implicações de cada um com e na situação”.

composição de novos territórios. Tal como no processo de escritura e leitura, um vídeo tem certa condição de inacabamento, potencializa o pensamento, provoca tensões, força diferentes visibilidades, desloca posições, possibilita arranjos e composições, produz efeitos e novos sentidos, produz subjetividades. Nas experiências com jovens, parecemos que tais processos intensificam-se, por várias condições nos modos de ser jovem: abertura para criação, facilidade e agilidade na relação com tecnologias, curiosidade e inquietação, posições críticas na relação com o mundo.

Esses três planos do audiovisual-dispositivo coexistem nas experimentações audiovisuais das juventudes, com as quais tivemos contato na pesquisa aqui considerada, tanto na composição de territórios juvenis, quanto no processo de pesquisar e inventar. Tal composição pode ser visibilizada em alguns fragmentos narrativos de nossas experimentações audiovisuais com juventudes em Porto Alegre e Fortaleza.

Cartografia audiovisual e a expressão do sensível nas práticas de pesquisa

Neste estudo, constatamos a relevância das experiências com o audiovisual como dispositivo analisador da pesquisa *In(ter)venção AudioVisuais com Juventudes*, bem como as expressões audiovisuais criadas por jovens, artistas e pesquisadores, em especial por incitarem o pensar a ética e a estética nas práticas políticas, comunicacionais e artísticas na contemporaneidade.

Apresentando-se como um dispositivo acoplado a toda uma gama de discursos e materiais de expressão que se articulam por meio de imagens e sons, o audiovisual, ao materializar-se em obra, seja ela cinematográfica, televisiva e videográfica (produto de processos, formatos, suportes, tecnologias, instituições e modos de circulação diversos), é, em cada uma destas modalidades, configurado de modo distinto e complexo.

Em tese essas ideias de composição de imagens em movimento e sonoridades estavam associadas ao cinema (GUBERN, 2003); no entanto, essas delimitações foram sendo diluídas e/ou absorvidas e recriadas

tanto na televisão quanto no vídeo, independentemente do tipo de suporte ou canal em que serão mostradas (salas de cinema, ciclos de vídeo ou canais de televisão etc.). Cabe aqui ressaltar que, muitas vezes, a distinção entre essas diversas narrativas é bastante complexa, já que exhibe características diferentes das que originalmente foram concebidas.

Neste estudo, considera-se o audiovisual como linguagem mista, um sistema híbrido (MACHADO, 1992/1993), como citado anteriormente, processos e produtos de multiplicidades. E, desse modo, as experiências com imagens e sonoridades englobam estratégias ético-estéticas definidas a partir das escolhas e dos usos de distintos discursos e dispositivos, tecnologias e processos que permitem a criação e produção de múltiplas realidades.

Pensar a linguagem provoca-nos, primeiramente, a retomar aspectos da oralidade e da escrita, ambas analisadas por alguns teóricos como “línguas maiores” em detrimentos de outras denominadas de “línguas menores” na sociedade contemporânea. Ao chamar a atenção para os modos de operar do imaginário em nossa sociedade midiaticizada, Rauter (1998, p. 60) considera, inicialmente, que “[...] o plano da linguagem não pode ser dissociado do contexto institucional, das relações de poder – de quem fala, onde fala, para quem fala”. E, nesse sentido, evoca para a análise a perspectiva da esquizoanálise, reafirmando:

[...] a linguagem é sempre palavra de ordem – sempre atravessada pelo afeto, pelas relações de poder, ainda que o regime do significante busque ocultar este fato. As línguas maiores, enquanto línguas hegemônicas, línguas *standart*, buscarão sempre este tipo de ocultamento. As línguas menores são vias de reconexão com os afetos, intensidades, tonalidades. Porém, não há privilégio do plano da linguagem sobre outros modos de expressão. O plano das palavras e o plano das coisas permanecem numa relação disjuntiva (RAUTER, 1998, p. 60-61).

Na cartografia audiovisual, pensamos no plano da linguagem num sentido ampliado, ou seja, não nos referimos apenas à linguagem verbal, mas a uma série de expressões emergentes nas experiências

com as “línguas menores”. Em outras palavras, modos de afetar e ser afetado que acontecem por traços singulares – muitas vezes ativados nos movimentos gestuais, nas tonalidades de voz, nos silêncios, nas atitudes e nas vibrações geradas nos encontros de olhares, na escuta cuidadosa, ou mesmo nos toques sutis, entre outras sensibilidades que se produzem nas interações e intervenções. Não podemos nos esquecer de que estamos falando das linguagens produzidas por acoplamentos tecnológicos de toda espécie – materiais de expressão pensando na música, no desenho, na pintura, nas câmeras fotográficas e de vídeo, nos microfones, nos amplificadores etc. Pode-se pensar nos desdobramentos dessas linguagens em oficinas de fotografia, vídeo, *graffiti*, fanzine, música etc.

E, nessa perspectiva, outra contribuição para pensar a linguagem vem dos estudos de Maturana (1999), em especial ao propor linguagem de um ponto de vista biológico e em sua constituição ontogênica. Nas palavras do autor, o que analisa e nomeia como linguagem “[...] consiste num fluir de interações recorrentes que constituem um sistema de coordenações consensuais de conduta” (MATURANA, 1999, p. 168). Desse processo, participa toda a nossa dinâmica corporal – gestos, sons, condutas, posturas corporais, emoções etc. – onde “o que fazemos em nosso linguajar tem consequência em nossa dinâmica corporal, e o que acontece em nossa dinâmica corporal tem consequências em nosso linguajar” (MATURANA, 1999, p. 168).

Com a cartografia audiovisual como dispositivo da pesquisa-intervenção, propomos pensar nos processos de acompanhar, intervir e inventar com juventudes trazendo à tona as narrativas do percurso da investigação. Um exercício de invenção de espaços de estudo, criação, produção, edição e circulação, apresentando como material de expressão os *diários de bordo/diários audiovisuais* e as experiências com as colagens aos moldes do *sampler*.¹⁶ Nessa perspectiva, as imagens e

¹⁶ Dispositivo eletrônico dotado de memória para os sons selecionados, amplamente utilizados pelos *rappers*. Normalmente é acoplado a um *mixer*, o que permite realizar colagens de sons pré-gravados durante a execução de uma música pelo DJ ou inseri-las no processo de mixagem de uma música.

sonoridades são compostas partindo de fontes das mais variadas: elementos do desenho, da pintura, da fotografia, do cinema, do vídeo, bem como de textos em diferentes caracteres e de outros elementos gerados em computadores. Não podemos esquecer os componentes sonoros, sem os quais não se estaria falando de atualidades nas linguagens e dos suportes audiovisuais. Presentes a partir de um registro bruto – diário audiovisual – ou processado – vide as experiências radiofônicas e a produção musical –, os sons também passaram a contar com sínteses produzidas em computador, bem como as transformações propostas pela linguagem do *sampler*. Nas palavras de Machado:

O discurso videográfico é impuro por natureza, ele reprocessa formas de expressão colocadas em circulação por outros meios, atribuindo-lhes novos valores, e a sua ‘especificidade’, se houver, está sobretudo na solução peculiar que ele dá ao problema da síntese de todas essas contribuições (MACHADO, 1997, p. 190).

Ao mapear e fazer circular produções audiovisuais que tratam de visibilizar modos de viver e habitar territórios da pesquisa, nas cidades de Fortaleza e Porto Alegre, constata-se a presença de intercessores mobilizados e mobilizadores de afetos, fazeres e saberes científicos e comunitários, artísticos e comunicacionais incidindo e fazendo emergir expressões do sensível e práticas micropolíticas (GORCZEVSKI et al., 2012).

Na pesquisa, propomos a criação de séries de cartografias visuais e audiovisuais com as narrativas do encontro do fazer-saber do pesquisador com o exercício de observar e cartografar os percursos da pesquisa-intervenção em Fortaleza e Porto Alegre. Para isso, seguimos as pistas oferecidas por Kastrup (2008, p. 468) ao atentar para “os efeitos de intervenção da pesquisa cartográfica em quatro níveis distintos: nos participantes, nos pesquisadores, no próprio rumo da pesquisa e no campo onde ela se insere”.

As experiências com o audiovisual, por outro lado, exigem um cuidado ético na pesquisa e uma observação atenta ao que Rolnik (1989) chama de “delicadeza com a vida”, respeitando-se as intensidades dos

coletivos, as relações estabelecidas com as condições de visibilidade nas criações e produções com imagens e sonoridades.

Referências

AGUIAR, Kátia; ROCHA, Marisa Lopes da. Pesquisa-intervenção e produção de novas análises. *Revista Psicologia: ciência e profissão*, Brasília, v. 23, n. 4, 2003, p. 64-73.

_____. Micropolítica e o exercício da pesquisa-intervenção: referenciais e dispositivos em análise. *Revista Psicologia: ciência e profissão*, Brasília, v. 27, n. 4, p. 648-663.

ARDOINO, Jacques. La Intervención: Imaginário de cambio o cambio de lo imaginário? In: GUATTARI, Félix. et al. *La Intervención Institucional*. México: Plaza y Valdes, 1987. p. 13-42.

BARROS, Regina Benevides de; BRASIL, Vera. Cartografia de um trabalho socioanalítico. In: RODRIGUES, Helena de Barros Conde.; LEITÃO, Maria Beatriz Sá. *Grupos e Instituições em Análise*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. p. 228-248.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. *A Imagem-Tempo*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal. 1981.

_____. Mesa-redonda em 20 de maio de 1978. In: Motta, Manoel Barros da (Org.). *Michel Foucault: estratégia, Poder-Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 335-51. (Coleção Ditos e Escritos, 4).

GUATTARI, Félix; KOLNIK, Suely: *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

GORCZEWSKI, Deisimer. *Micropolíticas da Juventude e Visibilidades Transversais*: In(ter)venções audiovisuais, na Restinga em Porto

Alegre. 2007. Tese (doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.

_____. Apontamentos para uma Cartografia Audiovisual. Texto da Palestra proferida no II Encontro Internacional da Imagem Contemporânea. Programa de Pós Graduação em Comunicação. Universidade Federal do Ceará. 2011.

GORCZEWSKI, Deisimer; SANTOS, Nair Iracema Silveira dos. O vídeo como dispositivo na pesquisa in(ter)venção com juventudes. In: GÓMEZ DE LA TORRE, Alberto Efendy Maldonado (Org.). *Panorâmica da investigação em comunicação no Brasil: processos receptivos, cidadania, dimensão digital*. Salamanca: Comunicación Social/ Ediciones y Publicaciones, 2014, v. 1, p. 137-159.

GORCZEWSKI, Deisimer; MARASCHIN, Cleci; CHASSOT, Carolina. Tecnologias audiovisuais em oficinas sócio-educativas. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Intercom, 2006. p. 1-15.

GORCZEWSKI, Deisimer et al. O que podem as in(ter)venções audiovisuais das juventudes? Mobilizar afetos, fazeres e saberes científicos-comunitários. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35., 2012, Fortaleza. *Anais...* São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Intercom, 2012. p.1-15.

GUBERN, Roman. *Del Bisonte a la realidad virtual: La escena y el Laberinto*. 3. ed. Barcelona: Anagrama, 2003.

KASTRUP, Virgínia. O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção. In: CASTRO, Lúcia Rabelo de; BESSET, Vera Lopes (Org.). *Pesquisa-intervenção na infância e juventude*. Rio de Janeiro: Nau, 2008. p. 465-489.

LAZZARATO, M. Capitalismo cognitivo e trabalho imaterial. Entrevista à Eduardo Carvalho. *Revista Carta Maior*. Publicada em 05.12.2006. Disponível em <http://cartamaior.com.br/?/Editoria/>

Midia/Capitalismo-cognitivo-e-trabalho-imaterial/12/12131. Acesso em: 14. nov. 2012.

LOURAU, R. Análise Institucional e Práticas de Pesquisa, In: Rodrigues, H.B.C. (Org.). *René Lourau na UERJ*. Rio de Janeiro: UERJ, 1993.

MACHADO, Arlindo. *Pré-cinemas & pós-cinemas*. Campinas: Papirus, 1997.

_____. O vídeo e sua linguagem: dossiê palavras/imagem *Revista USP*, São Paulo, n. 16, 1992/1993.

MATURANA, Humberto. *Ontologia da Realidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana de. *Pistas do Método da Cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A construção do campo da clínica e o conceito de transdisciplinariedade. *Psicologia: teoria e pesquisa*, Brasília, v. 16, n. 1, p. 71-79, jan./abr. 2000.

RAUTER, Cristina. *Clínica do Esquecimento: construção de uma superfície*. 1998. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica, São Paulo, 1998. Mimeografado.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*, São Paulo: Estação Liberdade, 1989.